

revista

bulungu

março de 2023 - número 15



entrevistado do mês

MICKEY MOUSE

EDITORIAL

A situação no mundo não anda bem. Não é a primeira vez que falamos sobre isso. Tudo nos leva a crer que haverá, em breve, uma nova guerra mundial. Quando a economia das grandes potências vai mal, elas partem para as invasões, assim como aconteceu com a Alemanha, e muito antes, com os Bárbaros, com os Vikings, com os Visigodos e outros povos violentos.

O conflito entre Rússia e Ucrânia é apenas um estopim, que pode tomar proporções inimagináveis se, do lado dos russos, entrarem oficialmente os chineses, e do lado dos ucranianos, os EUA e o resto da Europa. De quebra, a Coreia do Norte se juntará ao primeiro grupo, e a Coreia do Sul e o Japão, ao segundo. Não se sabe o que farão os Árabes e os Indianos, mas os brasileiros podem ficar tranquilos, pois todos sabem que não somos um país sério, e assim ficaremos de fora do alcance das bombas.

Nas guerras anteriores, os capitalistas venceram, e de certa forma foram "bonzinhos", depois de arrasarem tudo, enviando trilhões em dinheiro para reconstruírem os países que eles mesmos destruíram.

Agora não temos a mínima ideia do que poderá acontecer, caso a frente Rússia/China vença, mas dificilmente eles vão querer consertar alguma coisa.

E para onde poderemos fugir, caso a bagunça se espalhe pelo mundo e respingue, aqui, pelos trópicos, com a destruição da nossa economia, que pode ser tão ruim quanto receber bombas na cabeça. A Europa está mal das pernas, os EUA já não são os mesmos, e os outros países não vão aceitar imigrantes com fama de trambiqueiros. Em outra edição, já falamos sobre a possibilidade de irmos para Tuvalu, mas é possível que, a esta altura, lá já esteja cheio. Tempos difíceis virão.

XXX

Um hit dos anos 1980, do Ultraje a Rigor, anunciava: "SEXO! Eu quero SEXO! Me dá SEXO! Eu não vivo sem SEXO"! Mas de lá para cá, a coisa ficou ainda mais maluca com relação a esse instinto comum a todos os animais, disponibilizado pela natureza para a reprodução das espécies, mas que na raça humana provoca uma obsessão que pode acabar levando as pessoas aos sanatórios.

Tem muita gente que parece não se conformar com o nível da pornografia que está por aí, e querem sempre mais, muito mais. Hoje em dia, não é necessário entrar em sites "XXX" para verificarmos as mais absurdas e bizarras novidades do mundo do entretenimento adulto. Basta ver a Anita e a Luiza Sonza, duas filósofas da atualidade que insistem em realizar seus exames ginecológicos em clipes e shows ao vivo.

Não é questão de puritanismo, mas de simples "controle de qualidade". As casas das portas que engolem gente, antigamente conhecidas como "casas da luz vermelha", continuam funcionando a todo vapor, a internet está abarrotada de classificados de todos os tipos de gostos e gêneros, mas a verdade é que, com a proximidade do fim do mundo, parece que as pessoas já não se satisfazem e querem sempre mais e mais, proporcionando um espetáculo grotesco que não precisávamos assistir.

Poderíamos até andar pelados pelas ruas, que não faria a mínima diferença, pois, assim como ocorre nos campos de nudismo, com o tempo, a tendência é perder-se o interesse. Com os índios é assim. Mas o problema é que existem uns doentes que não se contentam em ver gente pelada e partem para práticas bizarras como a pedofilia, a necrofilia e a coprofagia, entre outras extravagâncias, gente que aparentemente leva uma vida normal, ocupa altos cargos e posições, tem dinheiro, respeito e notoriedade, mas que alimenta um comércio diabólico que vem ganhando espaço neste mundo pervertido.

uma entrevista com o

MICKEY MOUSE



Ele foi o primeiro personagem criado por Walt Disney, em 1928, com a participação do desenhista Ub Iwerks, começando pelo curta metragem chamado “Plane Crazy”, animação que seria inicialmente muda e em preto e branco, mas que recebeu sonorização ao final da edição e foi dublada pelo próprio Walt Disney, ganhando o título de “Steamboat Willie”. Batizado como “Mortimer”, só mais tarde o personagem roedor ganhou o nome definitivo por sugestão da esposa de Disney, Lillian Bounds, mas no começo o ratinho era meio marrento, bebia e fumava, e com a rápida popularidade que alcançou, passou a ficar mais “comportado”. Em nossa recente viagem ao “Mundo Encantado”, com o dólar a R\$5,26, tivemos a oportunidade de entrevistar o ator que incorpora o personagem, mas que não pôde se identificar por questões contratuais.

Bulunga – A primeira pergunta é para aplacar a curiosidade de milhões de fãs por este mundo afora: Mickey Mouse, você é homem ou mulher?

Mickey – Não posso dizer... o contrato firmado com a Disney não me permite revelar, você sabe, por essas questões relacionadas à diversidade. Se eu dissesse que sou homem, fariam: “é um homem ou um rato”? Se dissesse que sou mulher, diriam que é discriminação, ao submeterem a um papel inverso, e se falasse que sou trans, aí é que a coisa ficaria feia.

Bulunga – Outra pergunta que está no imaginário de todo mundo: como você faz para fazer xixi? E o número 2? É que nem nas vestimentas dos astronautas?

Mickey – Na verdade, a nossa tecnologia é que foi passada para a NASA, ainda nos anos 60. Em nossa fantasia, existe um compartimento em que os dejetos são processados e transformados em purpurina. Aquela explosão de brilho e cores que vocês veem nas

apresentações noturnas são o resultado dessa tecnologia, com os nossos dejetos lançados sob o foco dos holofotes.

Bulunga – Outra coisa que sempre tive perguntar – e que acredito que todo mundo também quer saber: você já passou a Minnie pra rango?

Mickey – Seria muita grosseria comentar sobre essa relação com a minha colega. Passe adiante. Próxima pergunta, por favor.

Bulunga – Com esse calorão que faz na Flórida, principalmente no verão, como você aguentar vestir essa roupa repleta de enchimentos? Como faz para se hidratar?

Mickey – Semelhantemente ao sistema de excreção, existem tubulações internas que realizam o resfriamento corporal e a hidratação com isotônicos, tudo comandado por uma central que fica na altura

do umbigo. Qualquer problema, basta apertar alguns botões. E a comida é toda em pasta.

Bulunga – E com tanta tecnologia, nunca deu nenhum problema com esse sistema?

Mickey – Infelizmente, sim. Certa vez, um técnico fez uma inversão dos tubos, e o que deveria ser descartado, passou a ser ingerido...

Bulunga – Argh! Que coisa horrível...

Mickey – Por sorte, neste dia eu estava de folga e quem sofreu as consequências foi o meu substituto.

Bulunga – E esse negócio de ficar acenando a mão pra todo mundo, não cansa?

Mickey – Na verdade, é uma mão mecânica, acionada por dentro da fantasia. Eu fico com uma das mãos livres para controlar vários componentes e dá até para coçar as partes baixas, quando tenho vontade.

Bulunga – Qual a sua relação com o Pato Donald e com o Pateta? Existe muita competição entre vocês?

Mickey – No começo, sim, pois recebíamos comissão pelo número de fotos que tirávamos com o público e assim o meu personagem ganhava de lavada. Mas depois o sindicato conseguiu que as verbas fossem distribuídas igualitariamente entre os demais.

Bulunga – Mas o Mickey ainda não é o personagem mais procurado?

Mickey – Na verdade, não. Tudo depende das novidades, dos lançamentos, do que está na moda. Um exemplo foi a Princesa Frozen: todos queriam tirar fotos com ela. O problema é que ela sempre recebia umas “apalpadas” inconvenientes, de homens e mulheres, e aí acabou se afastando. A Cinderela também é muito requisitada, mas com ela ninguém mexe, pois é faixa preta de caratê.

Bulunga – Nas horas vagas, você tem tempo para se divertir nas atrações da Disney?

Mickey – No começo, até brincava, mas com o tempo vai perdendo a graça, e hoje em dia chego, bato o ponto, faço o meu trabalho e vou embora doido para dar uma relaxada e fazer um barro de forma convencional.

Bulunga – Você trabalha, em média, quantas horas por dia?

Mickey – Doze horas, às vezes mais, dependendo do movimento. Mas as horas extras compensam. O sin-

dicato é muito atuante.

Bulunga – Vocês se revezam entre os personagens?

Mickey – Por razões contratuais, também não posso falar sobre isso.

Bulunga – Fora este personagem, você já atuou em filmes, ou em outros trabalhos diversos?

Mickey – Ah, sim. Já fiz muitos filmes, séries e comerciais de TV. Mas é uma carreira muito oscilante e preferi a segurança deste trabalho. Aqui, o dinheiro é garantido.

Bulunga – Mas você não sente falta da fama e do sucesso?

Mickey – Fama e sucesso é bom quando o dinheiro entra no bolso. Fico vendo essas celebridades da internet, que estão todos os dias forjando escândalos para poderem ficarem em evidência, mas quando chegam em casa tem que se contentar com um miojo requentado. Não entro nessa onda. Tenho filhos para sustentar.

Bulunga – Para terminar, você acha que tudo isso aqui é uma ilusão?

Mickey – As pessoas que vem aqui sabem que não é um mundo real. Tirando os crocodilos, que vez ou outra abocanham algumas pernas e braços, tudo aqui é artificial, mas as pessoas estão cientes disso e gostam de ser enganadas, pois o mundo lá fora está muito ruim. Eu mesmo preferiria ser um rato a ter que vencer na vida aplicando golpes de todos os tipos, o que grande parte das pessoas faz para ter o seu carrão e morar em uma big mansão, sem o menor pudor. O mundo vive em função do dinheiro e a grana rola solta. Para poucos. E aqui também, quem tem dinheiro pode ser feliz.

LIBERTE SEU TALENTO

Faça Teatro, Cinema e TV no

NÚCLEO DE ESTUDOS TEATRAIS - NET

Inscrições pelo WhatsApp
(31)98025.1010, pelo telefone

(31)3222.1010, no site

“www.teatrodonet.com.br”, ou
diretamente na Secretaria da
escola, na Rua Timbiras, 1605 -
Belo Horizonte - MG

OS CASSETAS

um humor politicamente incorreto

O Casseta & Planeta nasceu da fusão de dois grupos que faziam sucesso nos anos 1980, que eram a revista "Casseta Popular" e o jornal "O Planeta Diário", que tratavam de temas do cotidiano com uma boa dose de humor.

Não há como negar a influência do antigo jornal "O Pasquim", do qual alguns dos integrantes fizeram parte, mas também por fenômenos mundiais como o grupo inglês Monty Python e os norte-americanos de Saturday Night Live, o que os levou mais tarde, naturalmente, à televisão, onde conquistaram o grande público fazendo graça com temas da atualidade, principalmente com a política, quando criavam notícias falsas, entrevistavam celebridades e pessoas anônimas em rápidos "flashes" que tornavam a atração muito dinâmica, e que certamente influenciou, tempos depois, fenômenos como o "Pânico na TV" e o "CQC". A produção daquela década foi efervescente: além dos programas de TV, lançaram discos, livros, filmes, shows, e fizeram muito sucesso com o seu deboche politicamente incorreto contra grupos étnicos, religiosos e minorias, o que hoje seria impensável e radicalmente proibido.



As "Organizações Tabajara" eram algo surreal, com o lançamento de produtos que só existiam no imaginário de Beto Silva, Cláudio Manoel, Bussunda, Hélio de La Penã, Hubert Aranha, Marcelo Madureira e Reinaldo Figueiredo. Teve também a participação de Maria Paula, mas que não chegou a ser um membro do grupo, pois, segundo eles mesmos, para a TV, precisavam de uma gostosa no meio de tanto homem feio.





Marcelo Madureira

O jornaleco Casseta Popular foi criado nos tempos da Faculdade de Engenharia da UFRJ, a partir de 1978, com os colegas Beto Silva, Hélio de La Penã e Marcelo Madureira publicando suas ideias em folhas de xerox distribuídas aos colegas, para depois alcançarem o grande público, a partir do 1989, já em formato de revista, e contando com a entrada de Bussunda e Cláudio Manoel.



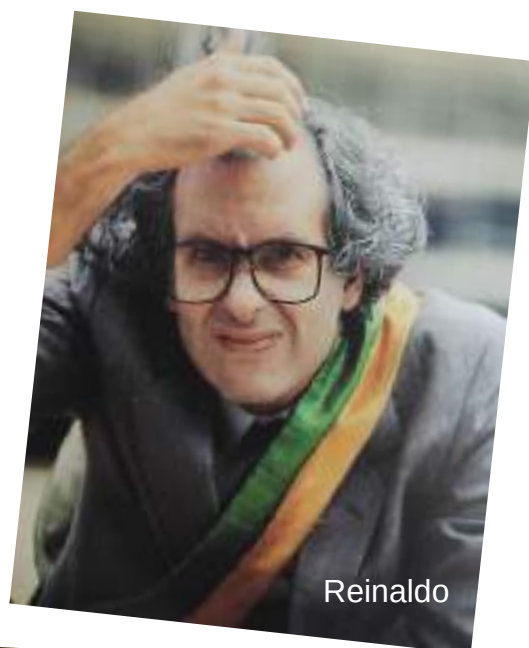
Beto Silva

Quase ao mesmo tempo, em 1984, Reinaldo Figueiredo, Hubert Aranha e Cláudio Paiva, que escreviam para O Pasquim, montaram o jornal “O Planeta Diário”, onde faziam graça com manchetes falsas.

O sucesso chegou a tal patamar que em 1988 foram chamados para serem redatores do inesquecível programa “TV PIRATA”. Cláudio Paiva foi o primeiro a deixar o grupo e seguiu carreira solo, sendo posteriormente responsável pela redação de sucessos como “A Grande Família”, “A Comédia da Vida Privada” e “Sai de Baixo”.



Cláudio Manoel



Reinaldo



Bussunda



Hubert



Hélio de La Penã

Mas foi só nos anos 90 que os talentosos redatores deram as caras caras na telinha, com uma participação no programa “Doris para Maiores”, com a apresentadora Doris Giesse, para depois deslançarem com “Casseta & Planeta, Urgente”, onde faziam as mesmas brincadeiras dos jornais, incluindo as sátiras de novelas, que fizeram muito sucesso e ficaram 18 anos no ar, sendo o programa substituído por “Casseta & Planeta Vai fundo”, que foi apresentado durante o ano de 2012, até ser encerrado.

O grupo teve uma grande perda em 2003, com a morte de Bussunda, um dos mais carismáticos do grupo, mas conseguiu seguir em frente, desenvolvendo o seu trabalho com muita competência (e humor).

Fica difícil não lembrar de Bussunda imitando o Presidente Lula, ou o Ronaldo Fenômeno, com aqueles seus indisfarçáveis dentes e a fala cheia de marra, ou Hélio de la Penã travestido de Glória Maria, Reinaldo imitando o Presidente Itamar Franco, e Hubert na pele do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

Hoje em dia, Beto Silva, Helio de La Penha, Hubert Aranha e Cláudio Manoel fazem um programa de “bate-papo” na TV Cultura, enquanto Marcelo Madureira e Reinaldo Figueiredo fazem trabalhos alternativos em seus canais na internet.





DIÁRIO DE UM CONFINAMENTO

crônica de **Michel Salomão**

Três anos se passaram desde o início da pandemia. Ainda assim, muitas pessoas insistem em continuar usando máscaras, enquanto outras passaram a desenvolver uma obsessão por vacinas, e provam todas as disponíveis no mercado, como se fossem sommeliers: vacinas contra varíola, difteria, diarreia, tifo, dengue, chikungunha, otite, hpv, psa, hCG, halitose, entre outros, e não satisfeitas, adquiriram o hábito de picarem os seus corpos com agulhas, alfinetes e quaisquer outras espécies de objetos pontiagudos, alguns deles precisando ser internados em sanatórios, com o emprego de camisas de força.

A pandemia influenciou os resultados na política de diversos países do mundo, com a vitória daqueles que prometiam a liberação sexual e criminal, sob a argumentação de que o mundo estava chegando ao fim e que as pessoas precisavam “aproveitar tudo o que tinham o direito”, e assim o caos foi instaurado, pois nem todos conseguiram extravasar os seus desejos de forma imediata.

Saques, arrastões, estupros e depredações assaram a fazer parte do cotidiano dos moradores das grandes cidades, mas no interior não tem sido muito diferente, e os sitiante, únicos que ainda possuíam a autorização para portarem armas de fogo, resistem enquanto podem com suas garruchinhas enferrujadas.

O montante de casamentos convencionais diminuiu drasticamente, enquanto os realizados entre os grupos alternativos observaram um sensível aumento, o que coloca em risco os índices de natalidade, e levou os governos a promoverem a distribuição gratuita de camisinhas furadas, para ver se conseguem alterar os quadros atuais.

O mundo não será o mesmo. Por conta dessa pandemia, com o medo implantado artificialmente como forma de dominação política e ideológica, até as guerras serão realizadas à distância, com comandos acionados por computadores caseiros, o que irá afetar a economia mundial e a reputação de usuários até então anônimos como eu.

O SOM E A FÚRIA

Jorge F. Isah

Este é um livro que requer muito cuidado do leitor, que pode se perder em meio a uma narrativa não linear, cheia de digressões, mudanças de ambiente, atmosfera e protagonismo. Não é um livro fácil, pelo contrário, especialmente em sua metade inicial, quando ainda se tateia o texto em busca de contato com seus elementos e fundamentos. O autor se utiliza também de longos trechos sem pontuação, frases truncadas, linhas contínuas, ajudando a criar uma imagem “hermética” (mas está muito longe disso) e complexa da obra.

A história se divide em quatro partes, cada uma delas contada por um dos personagens centrais, exceção à última, cujo narrador é uma terceira pessoa, indeterminada. A primeira parte é narrada por Benjamim. A segunda, Quentin. A terceira, Jason. E a quarta, que trata diretamente da personagem Dilsey, por um desconhecido.

Basicamente, trata-se de uma família decadente sulista que perdeu os seus dias de glória, em que controlava a região; e se vê exaurir financeira, moral e espiritualmente. Em meio às tradições e as mudanças advindas do novo século (XX), a maioria está despreparada para enfrentar as contingências e surpresas em que os novos tempos as empuxam e arrojam.

Ganância, sexo, filhos ilegítimos, cobiça, incesto, furto, parecem, de alguma maneira, fazer dos “Compsons” o retrato de uma sociedade que caminha arrastada pelas correntes e o peso do passado. O mal e o pecado apresentam-se definitivamente dispostos a conter qualquer resistência; nem mesmo as eventuais “aparências”, a hipocrisia arraigada na alma de alguns, subsiste ao desejo corrompido, doente e



frágil, capaz de destruir e amaldiçoar as relações e indivíduos... Por onde se olhe, mesmo que não se queira ver, os danos e a mesquinharia confina a maioria das pessoas a um sistema de valores cada vez menos idílico e mais inconsciente, instintivo e fatal. Há quem veja apenas uma sociedade altamente religiosa, puritana, inquisidora, retrógada a aniquilar vidas, o que é por demais reducionista. Contudo, seria tão somente a sociedade a fazê-lo, ou seriam consequências das escolhas pessoais? A rebelião da alma em êxtase, o relacionamento mecanicista e formal com Deus, a busca do “amor” no afastamento do verdadeiro amor, como se o homem, por si só, pudesse, ao exemplo de Adão, ser autossuficiente em si mesmo, desprezar o Bem, e sair incólume... os desejos rudes e primitivos a afastar qualquer hipótese de lucidez e dignidade, de afeto sincero. No fundo, o mal tem como premissa a negação não somente do bem, mas a origem do bem, entregando-se ao ardor da carne, leviana e obstinadamente. Alguém poderá dizer que estou a replicar os erros que Faulkner aponta; mas, entretimentos, ele está a desnudar o desejo, seja ele qual for, irresponsável em não reconhecer a sua legitimidade no amor. Sem ele, a vontade, por mais nobre ou elevado, é como o sino que não dobra ou o fogo que não aquece...

E a liberdade, tão propalada e banalizada nas bocas e mentes, surge como apenas outra forma de o homem descer às profundezas do calabouço não desejado, mas impossível de se safar, porque a luz que se acredita ver, está obliterada pelas trevas que se teima em não ver.

Mas não somente a perfídia destilam as páginas; existe bondade, uma bondade ingênua, um tanto perigosa, as vezes confusa, de Benjamim, de Dilsey, de Caroline (a matriarca). E deles são os maiores sacrifícios, a verdadeira entrega, e aquele clamor à paz, ainda que não seja vislumbrada, pela proximidade das querelas e litígios, a assomá-los por todos os lados.

“O Som e a Fúria”, como toda a obra de Faulkner, é um livro imprescindível, daqueles clássicos que o tempo não apagará. E nele encontraremos o homem, sobretudo o homem que amamos e odiamos.



INTERVENÇÕES ESTÉTICAS QUE DERAM MUITO ERRADO

A demonização facial é um fenômeno que vem acometendo mulheres e homens que não se conformam com o envelhecimento e pensam que podem voltar no tempo injetando coisas estranhas e fazendo remendos no rosto e em outras partes do corpo, para tentarem reviver as experiências do Dr. Frankenstein. A doideira é tão grande que elas continuam mexendo mais e mais, como se estivessem diante do "Retrato de Dorian Gray" (de Oscar Wilde). E não adianta falar, pois acham que estão perto de atingir um nível de perfeição que as pessoas comuns jamais conseguiriam entender, proporcionando um verdadeiro shows de horrores, capaz de tirar o sono dos justos. Deve ser muito assombroso deparar com uma dessas pessoas à meia-noite, em frente a um cemitério. Que medo!



coluna do

Clodokill

Fernandes

Joshwellington estava em um barzinho da moda e descolado, destes em que artistas desconhecidos, ex-celebridades abandonadas, posers de várias tribos, e intelectuais de redes sociais se espalhavam no grande salão matizado em cores violeta, grená e amarelo-limão. Era um lugar caríssimo, em uma região nobre da cidade, com a frente tomada por carros importados chineses e um e outro europeu ou americano. No geral, o burburinho se tratava de mero burburinho, mas em quase todas as mesas havia a expectativa dos vizinhos estarem a ouvir a conversa alheia, se interessar, e propagar as inúmeras mentiras e ostentações proferidas em tom despretensioso mas nitidamente com intenções de impressionar e convencer a audiência da importância, influência e pompa dos interlocutores. Qualquer um não contaminado pelo vírus do modismo e da bazófia saberia que o lugar, em sua maioria, era frequentado por pessoas com objetivo comum: aparências, nada mais do que aparências, enquanto aguardavam ansiosos os segundos de fama. Alguns tinham em mente revivê-los; outros, sair do anonimato; enquanto os primeiros almejavam ser reconhecidos, um revival, os últimos, vistos, e saírem do ostracismo.

O garçom veio com o pedido. Colocou o chopp diante do rapaz e a tônica com limão diante da garota.

- O que é isso?!

- O chopp... – O atendente estava visivelmente embaraçado.

- Eu sei que é um chopp, amigo. A questão é: por que você colocou o chopp aqui e a tônica ali, sendo que o chopp é dela e a tônica minha?

- Desculpe-me... Vou trocar.

- Não, a questão é muito mais profunda e grave... Isso é machismo estrutural. Só porque eu sou homem e ela mulher, você deduziu que eu quero o chopp e ela não... Está percebendo o preconceito, amigo? E de como a sociedade é machista, intolerante e misógina?

Essa última palavra o garçom nunca ouvira... Pensou em explicar que a maioria dos homens pediam chopp e a maioria das mulheres coquetéis, refrescos e sucos, e em seus mais de 20 anos de profissão, conhecia o padrão dos consumidores, mas decidiu abandonar a ideia.

- Mais uma vez, desculpas!... Não quis ofender ou ser machista... Prefere que eu traga outro pedido ao invés desse?

- Não, pode deixar. Da próxima vez, amigo, pergunte antes de transparecer a sua repressão e discriminação.

- Sim, senhor... Não vai mais acontecer... – Fez uma vênua, curvando-se um pouco, deu meia-volta e voltou ao balcão.

- Acho que ele aprendeu... – Ela disse.

- Espero que sim... – Ele reagiu.

Joshwellington era um candidato a ator. Na verdade, ele se dizia ator, cantor, compositor, youtuber, artista plástico e surfista nas horas vagas. Havia aqueles deslumbrados com o seu currículo, e muitos céticos, especialmente por morarem em uma cidade distante 600 km do litoral. Existia alguns parques temáticos com piscinas de ondas, mas nada onde uma prancha pudesse fazer manobras. Josh, entretanto, certificava os descrentes de ter singrado as maiores ondas do mundo e participara do circuito mundial com sucesso. Citava o Hawaii, Austrália e a Califórnia como os lugares com as melhores e maiores ondas entre todas as que competiu. Não era o suficiente, a satisfazer-lhes a desconfiança, mas deixavam como estava para, em seguida, enumerarem também os seus feitos: caçadas de elefantes no Camboja, leões no Congo e gamos em San Francisco.

- Você mata os pobres animais?... Não acredito!... – A namora de Joshwellington, Maryminie, com quem mantinha um relacionamento aberto, seja lá o que isso signifique, apressava-se em questionar, indignada e impulsiva, enquanto exibia a sua bolsa de pele de jacaré e as sandálias em pelica de um ungulado autóctone.

Não! De jeito nenhum! – Respondia surpreso e ofendido - Somos caçadores de imagens, nosso objetivo é divulgar e alertar para o perigo de extinção das raças... Chamamos de caçadas porque, no fundo, é como uma: ficamos horas à espreita, com a “arma” na mão, a espera da presa e o dedo no gatilho – Disse entre gargalhadas tonitruantes e solitárias.

- Ah, bom... Mas não sabia que os gamos estavam em extinção, especialmente na Califórnia...

- Não estão, pelo contrário, aumentaram em muito as populações nas últimas décadas... e são espécimes tão exóticas, que é quase impossível resistir ao seu brilho, fulgor e tanta diversidade. – Completou orgulhoso e radiante o caçador de heteróclitos.

- Você tem uma página? Um site? Um perfil? – Maryminie sentiu-se estimulada.

- Não, ainda não... estamos construindo... em breve estará disponível. – Arrematou confiante, e orgulhoso, e radiante.

- Ah, mas não tem nada para mostrar?

- Quer dizer, agora?

- Sim, agora...

- Bem, nada muito profissional... Apenas um exemplar... As imagens verdadeiras estão na ilha de edição...

Abriu a tela do celular e mostrou algumas fotos do último desfile de carnaval. Com efeito, algo possível de se ver em qualquer página ou perfil mequetrefe do mais trivial de todos os homens.

Um tanto decepcionada e outro tanto crítica, ela disse:

- Ah... sei... sei bem como é...

- Ora, querida! – Joshwellington tentou pôr panos quentes – Eles estão começando... Quando terminar, tenho certeza de que será um sucesso! Um verdadeiro espetáculo!

- Como tem tanta certeza assim? – Ela o questionou.

- Como?!... Ora, ora... Vamos deixar o assunto para lá, não é!... – E deu-lhe um cutucão por baixo da mesa. Ela tomou um susto. E não quis deixar barato.

- Como ousa me dizer o que devo ou não dizer?!!

- Não quis isso... Você está imaginando coisas...

- Está me chamando de burra ou lunática?!!

- Não, querida... Ah, deixa para lá!

- Deixar para lá?!... É assim que pensa resolver a questão?!

Cada vez mais a mulher ficava irritada, furibunda, a soltar ventas, e o namorado atônito, sem saber o que dizer, já que a discussão começou a chamar a atenção de outros frequentadores. O caçador de imagens, logo, logo, arrumou um jeito de se despedir (sem que nenhum dos dois percebesse a sua fuga), e tratou de escapulir, dar no pé.

Nisto, o garçom aproximou-se:

- Senhor, posso ajudar?

- O quê?! – Maryminie disse irritada.

- Posso ajudar em algo?

- Quem lhe deu o direito de se dirigir à minha namorada?! – Joshwellington gritou imperioso e aborrecido.

- Não falei com ela, falei com o senhor... Foi ela quem se dirigiu a mim... – O garçom esforçou-se em manter a serenidade e o comedimento.

- Seu insolente! Estúpido!... Quer dizer que não faço diferença alguma?... Seu machista porco... Mulheres não merecem a sua atenção?... Seu misógino desgraçado... Isso é discriminação... Exijo respeito, e...

– Em seu acesso, deixou o celular cair no chão, e ao pegá-lo, notou uma grande trinca na tela, de alto a baixo, como um relâmpago a cortar a noite escura. – Olha bem o que você fez, seu energúmeno! – E lascou-lhe uma cusparada no rosto.

- Querida, calma... Deixa que eu resolvo...

- Você também?!... Está em conluio com esse

tipinho!... Ah, seu filho de uma... – E antes de completar, arremessou a espuma produzida nas parótidas, submandibulares e sublinguais em quantidade suficiente para escorrer do rosto e atingir o peitoral da camisa.

- Você está louca?! – Disse, enquanto, enfurecido, arrancava guardanapos e esfregava-os na pele.

- Louca?! Eu?!... Você vai ver só! – Quis ativar o celular, mas nada, o display permanecia congelado desde a queda. – Me dá o seu celular! – E tomou-o de cima da mesa. Digitou um número, e ao atenderem, começou:

- Quero denunciar uma agressão... não, duas agressões... sim, sou a vítima... um minuto... – E dirigindo-se ao garçom, perguntou: qual o endereço daqui?... – O garçom, ainda as voltas também com os guardanapos, respondeu, sem se ater às consequências. Ela forneceu o endereço à atendente e explicou resumidamente os incidentes. – Isso mesmo! Foi assim que tudo aconteceu... sim, obrigada, estou aqui, no local, esperando. – Desligou.

- O que pensa estar fazendo?! – Joshwellington estava com a pulga atrás da orelha.

- Querem mais alguma coisa? – O garçom disse solícito.

- Não!! – Ambos proferiram. E ela arrematou, antes de voltar-se ao namorado: suma daqui!

- Diga, você está me denunciando? Acha que sou um criminoso?

- Nunca imaginei isso, mas agora, diante do seu preconceito e feminicídio, dou graças aos deuses por ter descoberto a tempo... Não sei o que poderia acontecer comigo, caso permanecesse com você... Uma grande decepção... Estou me sentindo humilhada, afrontada, envergonhada por estar aqui com você...

- Mas, o que eu fiz?

- Não se faça de sonso, de santinho do pau-oco...

Todos aqui são testemunhas dos seus atos machistas, patriarcais e fascistas, não estão? – E correu o dedo indicador pelo salão. Em um quase unísono, concordaram. Houve algumas mulheres que se aproximaram e deram apoio à garota, enquanto a maioria saiu à francesa, e elas mesmas não esperaram os policiais chegarem para o derradeiro socorro.

- Para mim, chega! Vamos embora! – Ele levantou-se abrupto.

- Onde pensa que vai?... Fique aí, pois as coisas podem piorar, caso você fuja!

- Eu?! Fugir?!... Por que fugiria?

- Você não passa de um covarde... Os homens são covardes, e vivem fugindo... É a especialidade da raça...

- Não me venha com as suas lorotas!

- Espere... Você não perde por esperar!...

O garçom trouxe a conta e colocou-a na mesa, sem dizer nada. Estava assustado com a possibilidade de entregá-la ao rapaz e desencadear outra cena ainda

mais intempestiva.

- Suma com isso! – Disse a mulher – Se pensa que vou pagar pelo péssimo atendimento e o meu celular quebrado, estão muito enganados... Quero falar com o gerente!

- Ele não está. Foi...

- Não me interessa onde foi! Quem é o responsável?

- O gerente... – Balbuciou o garçom.

- E o subgerente?

- Hoje é a sua folga...

- Então, não tem a quem me reportar?

- Eu estou imediatamente abaixo deles, caso se interesse em saber...

- Com você?! Faça-me rir! Com você eu converso apenas no Tribunal.

- Mas não estamos conversando?

- Não que eu saiba!... Vou esperar a polícia chegar.

O garçom suava em profusão. A camisa estava empapada às costas. Gotas pingavam dos lóbulos das orelhas, pálpebras, queixo e nariz. Ele se perguntava: como uma coisa dessas foi acontecer?... Por mais que a experiência gritasse ser uma exceção, um evento insólito, fortuito e isolado, por que raios aquela situação chegara ao caos completo, a se perder todo o controle?... Se pudesse, sairia dali naquele momento, não sem antes pedir demissão sumária.

Mas não podia deixar o lugar, os colegas de trabalho e os patrões em maus-lençóis, pois quando mais precisava de emprego, depois de oito meses desocupado e a distribuir currículos sem êxito, o casal de proprietários o chamou para uma entrevista e um dia no salão, onde o aprovaram elogiosamente e lhe garantiram, depois de tanto tempo, abrir um enorme sorriso e atravessar a cidade, mesmo tendo de pegar um ônibus, um metrô e outro ônibus, chegar em casa e dar as boas novas à esposa e aos três filhos. Pena não ter nada para comemorarem, mas aquela noite dormiu como um bebê, feliz, esperançoso de novos ares oxigenar a sua vida e da sua família, e até mesmo seguiu a esposa em uma oração de agradecimento a Deus pela dádiva alcançada... Se não fossem todas essas coisas, ele largaria tudo e se mandaria. Era humilhante e despropositada aquela situação, um quadro grotesco de como a sociedade, ou parte dela, se tornou enfezada e virulenta, por nada, onde qualquer palavra ou atitude, a mais ingênua, transformava-se em conflito inconciliável... Ele esperava por um clima assim, visto a assistência do lugar, pessoas afetadas, empoladas, e que pareciam, aos seus olhos, excessivamente artificiais e fingidas, numa evidente demonstração de vaidade e megalomania. Se assustava deles mesmos não reconhecerem suas condições, e chegou a se perguntar, inúmeras vezes, se não notavam o colóquio de palavras complicadas, mal expostas e vazias, mesmo não sendo um expert, porque sempre ao olhar os ouvintes era evidente a angústia de verem o colega terminar o seu discurso para

Iniciarem os seus. Ninguém de fato ouvia o outro, e se excitavam apenas com a vibração, o timbre da própria voz, independente do encadeamento significativo das sílabas, da mínima articulação de ideias...

A polícia chegou, depois de hora e meia de espera. O salão estava praticamente vazio; houve uma debandada geral, e novos clientes estranharam o abandono de mesas e cadeiras. Alguns se dispuseram a sentar-se, para em seguida, pedir a conta (as vezes cobrando água, maço de cigarros ou refrigerante), e saírem em busca de outro lugar badalado. Raros, acostumados com o ambiente, mesmo estranhado a deserção, pediram cardápios e compraram chopps, drinks e tira-gostos. Enquanto Joshwellington e Maryminie emburrados, dispunham-se ao silêncio, e a garota resmungava, em intervalos, coisas incompreensíveis.

- Sra. Mary... – A policial percorreu o salão, a despeito de haver uma única mulher no recinto, ela quis se certificar de a autora da queixa não ter abandonado o local.

- Sou eu... Não é sra., mas srta. – Disse, ao erguer-se abrupta.

A dupla de militares aproximou-se e inquiriu-a sobre a acusação. Por duas vezes, Joshwellington tentou intervir, mas foi-lhe ordenado se calar; depois haveria tempo dele contar a sua versão. O garçom também foi chamado, e se manteve silencioso enquanto ouvia a descrição da garota. Trinta minutos depois, após várias repetições, acusações e o clamor por justiça, Maryminie soluçou e derramou algumas lágrimas, colocando as mãos sobre o rosto, fungou algumas vezes também.

- Nunca fui tão ultrajada, oprimida e desrespeitada como hoje... – Emitiu um soluço gutural e suou o nariz no guardanapo, que conservou-se intocado, a não ser pelo amarratar dos dedos e marcas roxas de batom.

- Exijo que se tome as medidas para que isso não aconteça mais. Não faço isso por mim, mas pensando no terror de outras mulheres, expostas ao machismo, sexismo e fanatismo dos homens.

A dupla de policiais entreolhou-se, admirados com o desempenho quase hollywoodiano da garota. Do outro lado, debaixo de uma luminária assimétrica de exagerado mau-gosto, parecia um penico de boca para baixo com duas alças laterais, um grupo filmava a cena. Ao perceber, o policial pediu-lhe que parasse.

- Por quê? – Questionou um tipo andrógino, usando sapatos laranjas com listas verdes, calça azul clara e camiseta vermelha, com um grande círculo branco, onde se via a imagem do Che Guevara e abaixo dela a inscrição: “paz” – Este é um local público, e posso filmar o quanto quiser sem precisar de qualquer autorização – Continuou desafiador e petulante. A policial cutucou o colega e sussurrou: “deixa para lá! Não vale a pena...Vamos focar no serviço e cair fora daqui”.

- E então, o que vão fazer? – Maryminie impacientou-se.

- Se a srta. quer seguir com a queixa, teremos de levar todos para a delegacia, para o delegado ouvi-los e ver o que fazer. – A militar comunicou.

- Mas, quanto tempo demora isso?

- Não sabemos. Depende do número de casos... Mas posso garantir que a delegacia está repleta de queixosos... Tem gente que chegou ontem à noite e ainda não foi atendida.

- O que?!... Mas isso é um desaforo!... Não tem como prendê-los e tomar o meu depoimento aqui mesmo?

- Infelizmente, não. Isso é competência do doutor apenas.

Maryminie coçou a cabeça. Olhou o relógio e viu que já eram sete horas da noite. Em duas horas, iria ao ar e ao vivo, a final do reality show mais assistido e comentado do país. Pensou em ver a gravação depois, quando saísse da delegacia, mas imaginou as horas perdidas e os comentários que postaria nas redes sociais estarem defasados em relação aos inúmeros outros, e sem o impacto da novidade. Tinha de ser durante a exibição do programa, para a sua avaliação não se tornar obsoleta e negligenciada pela maioria dos seus seguidores, bombardeados por outros influencers a comentar em tempo real... Acabaria perdendo a oportunidade de aumentar a sua rede de contatos, a amplitude dos seus canais, privar-se de centenas de “likes”, e isso seria desastroso para as suas pretensões de alavancar assistência, publicidade e ainda vender o seu curso de numerologia e simbiose extraterrestre. Seria um prejuízo imensurável, ela concluiu.

- E se eu não quiser ir?... O que acontece?...

- Nada. Iremos embora e vocês estarão liberados. Maryminie olhou para Joshwellington:

- O que você acha?

- Eu?!... Você é livre, deve fazer o que quiser... E terá sempre o meu apoio...

Os policiais novamente se entreolharam, afinal, caso ela continuasse, ele seria um dos acusados, podendo ir para a cadeia. A que ponto as coisas chegaram, pensou o militar, enquanto a policial matutava: “a vontade é de prender este cretino... nenhuma mulher merece um cara tão frouxo como companheiro”.

Maryminie meteu a mão na bolsa, tirou a carteira, pegou duas notas de cem, a conta sobre a mesa, e dirigiu-se ao garçom:

- Toma. Pague a conta e fique com o troco.

Em seguida, após guardar os seus pertences, puxou Joshwellington e lascou-lhe um beijo apaixonado.

- Eu te amo!

- Eu também, querida!

Os policiais deram de ombros, se despediram, e recusaram o cafezinho que Joshwellington insistiu em oferecer.



LaundrySpeed
service

PROMOÇÃO!
PACOTES ECONÔMICOS

DESCONTO ESPECIAL

10% solteiro	20% casal	35% família
------------------------	---------------------	-----------------------

(31) 989029482
Avenida Dom João VI, 1.650 - Palmeiras
@laundryspeedservice



INTERNÚCLEO
CONSERVADORA E ADMINISTRADORA
(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)



crônica de **Michel Salomão**

Reunião de pais na escola. Todos estavam apreensivos, pois ocorrera uma briga entre duas crianças, situação que vinha se replicando nos últimos meses, principalmente após as disputas eleitorais, e a direção temia que se agravasse, caso não fosse convocada a participação dos pais.

- Na semana passada, um menino bateu no meu filho – começou um dos presentes.

- Um menino bateu em seu filho – corrigiu a supervisora.

- Ume menino bateu em sue filho – por sua vez, corrigiu a diretora.

- Que palhaçada é essa? - interferiu outro pai.

- O problema é que esse desrespeito à diversidade tem levado a esses conflitos entre as crianças. Elas ficam inseguras com relação ao seu posicionamento na sociedade – disse a diretora.

- Insegurança é essa porcaria de linguagem neutra. Ou neutre. Está criando a maior confusão na cabeça das crianças. Meu filho chegou em casa falando que um homem é capaz de ser mãe.

- Tecnicamente, é possível – disse a supervisora, com indisfarçável orgulho.

- Como é que é? - indagou uma mãe indignada.

- Nos dias de hoje, a ciência é capaz de realizar as mais incríveis intervenções na natureza humana – completou a diretora.

- Mas pra quê? Já não tem mulher demais no mundo para parir? - questionou outra mãe.

- A mulher não pode ser usada como simples objeto de procriação – asseverou a supervisora.

- Objeto de procriação? Tá de brincadeira... -

contestou outra mãe.

- Senhoras e Senhores, vamos manter o foco da discussão – advertiu a diretora.

O clima começou a esquentar. Os seguranças, armados de cacetetes e armas de choque estavam prontos para agir. A diretora ainda conseguia assumir uma postura arrogante, mas não era capaz de disfarçar um leve tremor o lábio inferior, enquanto a supervisora e as professoras convocadas se mostravam bem mais inseguras.

- Diga-me uma coisa: se tivermos um problemas envolvendo DOIS meninos, ou melhor, DOIS alunes, como iremos utilizar o artigo? - perguntou um pai.

- Deis meninos. Deis alunes – respondeu, triunfante, uma das professoras.

- Isso não irá confundir com o numeral DEZ? - perguntou outro pai.

- É uma questão de adaptação. Toda mudança traz um certo desconforto, até que a situação se ajeite – quis ajudar a supervisora.

- E se eu quiser falar: quatro meninos, cinco meninos, oito meninos? - continuou o pai.

- Quatre menines, cinque menines, oite menines... - lacrou a diretora.

- Então quer dizer que por causa de uns VIADOS e umas SAPATAS teremos que mudar todo o nosso jeito de escrever e falar? - indagou outro pai, já exaltado.

Um dos seguranças chegou a sacar sua arma de choque, mas foi discretamente contido por um gesto da diretora.

- A sua maneira de falar está sendo um tanto agressiva e vejo que poderá lhe trazer consequências não agradáveis – ponderou a

diretora.

- Isso é uma ameaça? - o pai se levantou, o rosto bastante avermelhado e a respiração ofegante.

- Na concordância nominal, os modificadores do substantivo (artigo, pronome, numeral, adjetivo) concordam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) com o substantivo. Alterando o substantivo, feminino ou masculino, vira uma bagunça danada – argumentou um pai, que parecia ter se preparado na véspera para aquela reunião, recorrendo à gramática guardada dos seus tempos da escola, no fundo empoeirado do armário.

- Vamos dar um exemplo: se eu quiser falar que o banheiro e o quarto estavam sujos, terei que falar “sujes”? - perguntou outro pai.

- Exatamente! Não há mais lugar em nossa sociedade moderna para essa supremacia masculina, até mesmo com relação a objetos – disse orgulhosa a diretora.

- Já que não conseguem reduzir o ódio contra o machismo, não seria mais fácil, então, passarem a fazer a concordância com o “feminino”? - tentou argumentar uma das mães.

- Temos que considerar que existe um gênero intermediário, entre o feminino e o masculino, que não pode ser ignorado, excluído... - disse a supervisora.

- Você deve estar falando dos transformistas, aqueles que apareciam no “show de calouros” do Programa Silvio Santos... - disse uma velhinha, que devia ser avó de alguma das crianças.

- Isso mesmo! – disse uma das professoras, da mesma faixa de idade da outra – Era muito bom! - e bateu palmas, empolgada, mas depois se encolheu em sua cadeira, após receber um olhar fulminante da diretora.

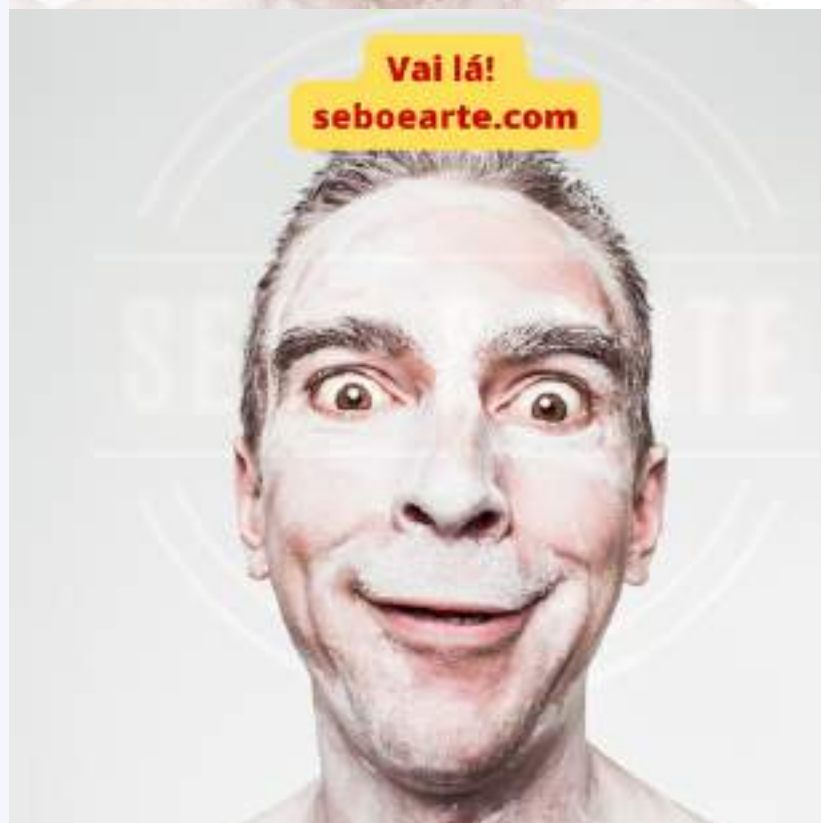
- O marido da diretora é transformista. À noite ele faz shows em uma boate – soltou uma das presentes.

- Qual o problema? - disse a diretora, ofendida.

- Com uma mulher feia assim, o marido deve ficar bem melhor que ela... - alguém comentou.

- Quem disse isso? Quem foi? - irritou-se a

diretora. A agitação tomou conta da platéia. Os seguranças foram acionados e começaram a apitar loucamente, e logo começaram a bater de forma aleatória com os cassetetes e a aplicar choques a torto e a direito. Até a diretora, a supervisora e os professores apanharam. Algumas mães desmaiaram. Um dos pais estava armado e deu tiros para cima. A debandada foi geral, com alguns dos presentes sendo pisoteados, mas ninguém ficou ferido mais seriamente. Após o episódio, foi decretada uma intervenção federal na escola, com todos, ou melhor, todos os alunos sendo obrigados a usarem uniformes com as cores de arco-íris. Ou arco-íris? Ah, droga, deixa pra lá!



Os velhos, e não propriamente os jovens, sempre foram os verdadeiros rebeldes, resistindo teimosamente às mudanças do tempo. O mundo está em constante transformação, e isso é totalmente natural, como foi natural o que ocorreu com a evolução das espécies citadas por Darwin. Assim como os bichos viraram outros bichos, os humanos se transformaram em outros humanos.

No campo da música, a "clássica" era vista como a mais perfeita manifestação da racionalidade, mas hoje temos o funk. No Renascentismo (ou Renascimento) surgiram



velhos

mudanças significativas na Europa da Idade Média, quando foram registradas as mais notáveis obras de Michelangelo, Da Vinci, no mesmo período em que se destacaram Descartes, Galilei, Kepler, Bacon, Newton. Hoje temos Anita, a filósofa Dilma, celebridades do Big Brother, os influenciadores digitais e as dancinhas do Tik-Tok. E por falar em música, não podemos deixar de nos lembrar dos tempos em que as letras eram minuciosamente pensadas, as melodias trabalhadas, os instrumentos, para serem tocados, dependiam de dezenas de anos de estudos, ao passo que hoje os caras fazem sons com a boca, enquanto os vocalistas falam (gritam) sobre sexo, drogas e exaltam a prática de crimes, com aquelas mesmas vozes de feirantes anunciando os preços da laranja e do abacaxi.

Fico imaginando o desespero dos velhos, na época em que surgiu o rock'n roll: Elvis Presley fazendo aqueles estranhos

movimentos pélvicos, os cabeludos dos Beatles gritando ié-ié-ié, os malucos dos Stones e os seus demônios, mas depois a coisa degingolou ainda mais, com a chegada do Heavy Metal, com uns bichos cabeludos, maquiados, vestindo roupas bufantes com ombreiras e usando saltos de plataforma; depois teve o Michael Jackson apertando a sua verruguinha no meio das pernas e dando os seus gritinhos, Freddy Mercury com seus trinados histéricos, os caras do Duran Duran com sua maquiagem pesada e o Ozzy Osbourne comendo morcegos.

Os velhos de hoje se dizem "conservadores", e alguns insistem em colocar faixas ou bandanas na cabeça, para saírem em suas motos estilo chopper, e escutam Elvis Presley, Stones, Beatles, Ozzy, Michael Jackson, Duran Duran, Queen, exatamente esses que causavam o terror nos velhos daqueles tempos.



MAMONAS ASSASSINAS

Os "Mamonas Assassinas" foram um fenômeno da música brasileira que dificilmente irá se repetir. Quando as rádios começaram a tocar "Vira-Vira", "Pelados em Santos" e "Robocop Gay", as pessoas começaram a se perguntar assombradas: o que significa isso? Era o grupo formado por Dinho (vocal), Júlio Rasec (teclado, percussão e vocais), Bento Hinoto (guitarra), Samuel Reoli (baixo) e Sérgio Reoli (bateria), meninos de Guarulhos, que no princípio queriam apenas fazer "cover" de suas bandas preferidas, com uma mistura de rock, pop, sertanejo, heavy metal, pagode e e forró, e que chegou a gravar um CD ainda com a pouco conhecida banda Utopia.

Um belo dia, resolveram alugar um estúdio para gravarem três músicas divertidas, que gostavam de tocar nos intervalos de seus ensaios, apenas para zoarem com os amigos, mas quis o destino



que o material fosse cair nas mãos de Rodrigo Castanho, produtor e técnico de masterização, que apresentou o trabalho a Rick Bonadio, dono do tal estúdio. Por último, essas músicas foram parar nas mãos de Rafael Ramos, um garoto de 16 anos e filho do dono da gravadora EMI, João Augusto Soares, que a princípio não se interessou pelo trabalho, mas depois de assistir a um show da banda na boate Lua Nua, por insistência do filho, onde também estava presente o produtor Arnaldo Saccomani, foi que se deu conta da impressionante energia e talento daqueles meninos, e assim assinaram um contrato, em 7 de abril de 1995.





A gravadora precisava de, no mínimo dez músicas para o CD, e eles só tinham aquelas três, mas mentiram, afirmando que possuíam material suficiente, e em apenas uma semana gravaram mais doze, totalizando quinze músicas para o seu primeiro álbum.

O sucesso foi algo surreal. As emissoras de TV disputavam a tapas a presença do grupo, foram centenas de shows pelo Brasil, as emissoras de rádio não tocavam outra coisa além deles, e conseguiram emplacar quase todas as faixas do disco de estréia, fenômeno que talvez nunca tenha sido visto antes.

O mais absurdo era o sucesso com o público infantil, que delirava com aqueles rapazes malucos que faziam o tipo de "humor de quinta série", vestidos com roupas de presidiários ou do Chapolin Colorado.

Ninguém saberia dizer quanto tempo duraria esse sucesso, se teriam material para um segundo CD, se deslumbrariam com aquele assédio, ou se Dinho iria ocupar um posto de galã de novelas, mas quis o destino que o avião em que estavam, que iria levá-los a mais um show no interior de São Paulo se chocou na Serra da Cantareira, matando todos os seus integrantes.

Teve gente que pensou que se tratava de um golpe (de mau gosto) de marketing, porque os garotos não levavam nada a sério, mas a triste verdade veio a se confirmar naquele mesmo dia: era o fim da alegria.

UM AMOR COMO OUTRO QUALQUER

um conto de Michel Salomão

Eles se encontraram por um simples acaso: ela foi fazer uma transferência bancária, digitou um número errado, caiu na conta de uma Pizzaria, ligou para lá, o rapaz atendeu, ela explicou a situação, ele se prontificou a devolver a quantia e perguntou se ela poderia buscar o dinheiro, e ela foi, **mas a surpresa que ele teve foi grande, pois era a mulher mais linda que havia visto em toda a sua vida, tirando apenas as modelos com as quais se encantava, nas antigas revistas de moda de sua mãe, mas esta era real, tinha carne e osso, bem mais carne do que osso, para ser mais exato**, mas estava um tanto tímida, e ele tentou ser agradável, ofereceu a ela uma água mineral, que aceitou, a convidou para sentar-se junto ao balcão, ela foi, e conversaram por alguns instantes sobre esses erros que acontecem no mundo virtual, com tantas facilidades que possui, mas ainda assim as pessoas encontram muitos problemas para realizarem suas operações pela internet, e ela disse que não costumava utilizar muito esses serviços, e ele segredou que, ao contrário, comprava de tudo, desde um botão de camisa mais diferente, até bicicleta elétrica, que tinha acabado de comprar uma, com boa autonomia de carga, mas ainda não tinha chegado, e ela ainda estava tímida quando ele se lembrou de pegar o dinheiro na caixa registradora, pois não sabia a senha da internet, que só o gerente tinha, mas ela agradeceu e já ia se levantar, quando ele a convidou para ficar mais, aproveitando para perguntar se não aceitaria comer alguma coisa, ela recusou, pois precisava emagrecer, ao que ele olhou-a mais atentamente e disse que seria um crime perder

um só grama, pois estava perfeita, ela corou na hora e ele chegou a pensar se não teria passado o carro nas frentes dos bois, mas, não, foi apenas um elogio, e ela poderia ter gostado, pois mulher é assim mesmo, pode ser bonita o quanto for, mas sempre aceita um gracejo, e assim a conversa foi rendendo e passaram a falar de música, de cinema, de literatura e perceberam que gostavam de várias coisas em comum, principalmente do filme “Encontros e Desencontros”, de Sofia Coppola, com Bill Murray e Scarlett Johansson, que ambos assistiram mais de cinco vezes, e falaram do sonho de conhecer Tokyo e Nova York, ele disse que quase foi trabalhar em Manhattan, em um restaurante, mas depois não deu certo, e ela falou que vários amigos tinham ido, que se deram muito bem naquele país, que só no Brasil é que as coisas não funcionam, parece que é uma maldição, pois os brasileiros chegam lá e trabalham como loucos, conseguem subir na vida, enquanto no Brasil nada adianta, e ele falou que um dia iria para Orlando, e não voltaria, **ela brincou, “me leve”, e ele não perdeu a oportunidade e falou “assim que nos casarmos”, ela riu, ele riu, ela falou que agora teria que ir embora, e ele pensou mais uma vez se não teria se excedido, mas não, as mulheres gostam desses jogos que mais se parecem uma pescaria, quando não se sabe ao certo quem é a isca e quem é o peixe**, mas, afinal, ele não foi grosseiro, e ela foi embora prometendo que iria voltar, e voltou mesmo, duas semanas depois, trazendo uma amiga, mas ele não estava mais trabalhando, era o seu dia de folga, e ela ficou decepcionada, mas quis o destino que, semanas

depois, se encontraram por acaso perto da escadaria do metrô, ele estava com pressa, ela passeando pela cidade, pois não teve aula naquele dia, e trocaram os telefones, **mas quem ligou primeiro foi ele, sendo que ela ligaria se ele não ligasse, e se encontraram na praça no final da tarde, estava fazendo um dia lindo, um céu azul de inverno, ela vestia uma blusa de gola rolê e ele uma jaqueta jeans, e ficaram andando por ali, conversando sobre coisas que não conversariam com outras pessoas, pois pareceriam tolices, mas que entre eles a coisa parecia fluir, e se sentaram em um banco quase em frente a um chafariz, e estavam bem próximos, dava para sentir o calor no breve contato de suas pernas, até que ele foi mais ousado e pediu para ver as suas mãos, e verificou que tinham as palmas rosadas, eram muito macias, enquanto as dele eram mais avermelhadas e grossas, quando até ficou com vergonha de não ter usado um creme e cortado limpado as unhas com mais cuidado, mas ao menos havia se lembrado de passar um perfume de sua mãe, mesmo temendo que ela percebesse que era um perfume de mulher, mas como tinha um cheiro bom, imaginou que se misturaria com o seu próprio cheiro e criaria uma fragrância nova, mas **ela não usava perfumes, dava para sentir apenas o cheiro do shampoo de ervas, no cabelo recém lavado, lembrança que ficaria pelo resto da vida em sua mente, em um futuro muito distante, quando procurou encontrar aquele cheiro em outras****

mulheres, mas não conseguiu, e ela gostou Saquele cheiro de macho misturado com flores, o que a fez imaginar que ele teria uma sensibilidade incomum, pois conhecera outros rapazes que eram grosseiros e que só queriam falar de si mesmos, de carros, de futebol, mas ele se interessava por tudo o que ela gostava, tinha as mesmas preferências literárias e musicais, além do cinema, é claro, **mas despertou de seu transe com um beijo que ele lhe aplicou nas palmas das mãos, e mais uma vez ele chegou a pensar que poderia ter se precipitado, pois ela ficou paralisada durante instantes, que pareceram horas, mas por fim beijou as mãos dele também, e em seguida se beijaram na boca, como se estivessem com uma fome incontrollável, e parece que o tempo parou ali, tanto é que quando abriram os olhos já havia anoitecido, ou o sol se pôs mais cedo para não ofuscar aquele momento único, que** dificilmente aconteceria na vida das pessoas comuns, e não haveria de se repetir, pois as pessoas estavam ficando amargas e centradas em si mesmas, mas a partir dali passaram a se encontrar todos os dias, a se beijar longamente e a se amar como jamais imaginavam que seriam capazes, sem pudores, sem culpas, sem passado ou futuro, um amor puro e atemporal, que somente haveria de se perder com o infortúnio da morte, mas o destino lhes reservou uma vida longa, e mesmo os sintomas da senilidade não lhes permitiria esquecer aqueles belos momentos da adolescência.

A partir da edição de abril, teremos uma seção de CLASSIFICADOS, onde você poderá anunciar os seus produtos e serviços TOTALMENTE DE GRAÇA. Basta escrever para "revistabulunga@gmail.com" com um texto de, no máximo, quatro linhas e foto do produto ou logomarca.
Bons negócios!

PROMOÇÃO

20% OFF

E FRETE GRÁTIS

**EM TODA A
LIVRARIA**



seboearte.com



Olha o humano
achando que
vai viajar
e me deixar
sozinho!
Faz isso não!
Vai ler um
livro, que
eu fico no seu
colo!

seboearte.com

SPOILLERS

Ozark é uma série da NETFLIX lançada em 2017, que teve 4 temporadas, fez um enorme sucesso, ficando entre as 15 mais assistidas da plataforma, e tudo gira em torno de uma família envolvida com um perigoso cartel de drogas mexicano. No filme, todos são maus. As crianças e adolescentes são maus. Até os cachorros e os passarinhos são maus, e quase todo mundo morre, daí a dificuldade de se fazer um spoiler, pois o público sabe que uma hora ou outra isso irá acontecer. Mas isso não tira o mérito do trabalho: ao contrário, o público fica doido para que aconteça, e acaba torcendo pelo sucesso dos menos piores (fica difícil apontar), no caso, o casal interpretado por Jason Bateman (de “Como matar o seu chefe”, ao lado de Jennifer Aniston) e Laura Linney (de “O Show de Truman, com Jimmy Carey), ou até a esperta ajudante Ruth (Julia Garner). Contudo, não dá para entender como, vivendo em um ambiente tão extremamente perigoso, os dois não andam armados e nem contratam seguranças, pois uma mínima reação haveria de ser esperada. Outra coisa que nos intriga é que alguns assassinos, extremamente violentos, às vezes relutam em eliminar seus opositores, talvez só para render mais capítulos.



Marty Byrde (Jason Bateman) é um contador inseguro e bonzinho, que apesar de tudo consegue sobreviver desarmado, num ambiente absolutamente hostil, muito parecido com o nosso Congresso Nacional, envolvido no negócio por influência de seu ex-sócio Bruce, assassinado pelo cartel por ter desviado dinheiro deles, enquanto a esposa Wendy (Laura Linney) toma gosto pela coisa, sendo a responsável pelas reviravoltas mais mirabolantes da série. O mais impressionante é imaginar que todos os personagens falam livremente pelo celular, enquanto o FBI está o tempo todo na cola dos bandidos, sem que mande grampear ao menos um deles. Coisas de cinema...

Não é tarefa fácil eleger o mais terrível



assassino da série: o chefe do cartel, Omar Navarro (Felix Solis), o sobrinho do chefe, Javi Elizondro (Alfonso Herrera), a irmã do chefe, Camila (Verónica Falcón), a advogada do cartel, Helen Pierce (Janet McTeer), a fazendeira Darlene Snell (Lisa Emery), o gerente do cartel Carmino Del Rio (Esai Morales), ou segurança Nelson (Nelson Bonilla), o sanguinário segurança. A série consegue despertar o psicopata que existe dentro de cada um de nós, ao torcermos para que alguém seja eliminado, como se fosse um Big Brother com morte.

No final, Camila assume os negócios, manda matar o irmão Navarro e empacotar Ruth, que havia dado cabo de Javi, seu filho.



curiosidades

MUITO CURIOSAS

Se você tentar suprimir um espirro, poderá romper um vaso sanguíneo na sua cabeça ou pescoço e morrer.

Todas as pessoas que têm olhos azuis têm um mesmo ancestral em comum.

Se algum dia você estiver procurando algo, olhe da direita para a esquerda. Pois, como estamos acostumados a ler da esquerda para a direita, é mais fácil as coisas passarem despercebidas.

Em média, uma pessoa anda o equivalente a três vezes ao redor do mundo durante a vida.

Conforme alguns pesquisadores acreditam, a Terra tinha duas luas. A segunda, no entanto, teria colidido com a que conhecemos hoje. Assim, acabou sendo destruída.

Um milhão de Terras caberiam dentro do Sol.

A cor vermelha não atíça os touros, embora a crença popular diga o oposto.

É fisicamente impossível para os porcos olharem para o céu.

As baratas podem viver várias semanas com a cabeça decepada, porque o cérebro está localizado dentro do corpo. No entanto, elas acabam morrendo por não conseguirem comer.

O olfato dos cães é 40 vezes mais poderoso do que o dos humanos.

Cachorros machos levantam as pernas quando estão urinando por um motivo, pois, dessa forma, eles estão tentando deixar sua marca mais alta, para transmitir a mensagem de que são altos e intimidadores.

Os cães são capazes de compreender até 250 palavras e gestos e demonstraram a habilidade de fazer cálculos matemáticos simples.

No Japão, dentes tortos são considerados bonitos e atraentes.

O maior congestionamento já registrado durou 12 dias.

A temperatura no deserto do Saara pode atingir até 136 graus.

Os abacates são venenosos para os pássaros.

Os quadrinhos do Pato Donald foram banidos da Finlândia, porque ele não usa calças.

As três famílias mais ricas do mundo têm mais dinheiro que a riqueza dos 48 países mais pobres do mundo.

Algumas lojas de cosméticos reconhecidas foram submetidas a um exame cujos resultados foram decepcionantes: as amostras de cosméticos estão cheias de mofo (28%) e estafilococos (48%).

O rigor mortis, um endurecimento do corpo, ocorre entre três e quatro horas após a morte. Ele é causado por alterações químicas nos músculos que os obriga a se contraírem.



AUTO AJUDE-SE A SI MESMO

VOCÊ QUER FICAR RICO?



por Michel Salomão

Riqueza atrai riqueza. Pobreza atrai pobreza. Confesse: quando um pobre chega perto de você, não dá vontade de sair correndo? Ah, não me venha negar. Você sabe muito bem que é muito grande a possibilidade de ele pedir alguma coisa que você não está nem um pouco disposto a dar. Ou poderá até mesmo assaltá-lo.

Mas também é preciso tomar cuidado com os ricos, pois podem praticar assaltos ainda maiores. Na maioria das vezes, você precisará votar nele para que possa exercer o direito de roubá-lo.

Vamos deixar de lado a bandidagem para falar de gente honesta, que ainda existe, mesmo que em proporção menor. Existem pobres e ricos honestos. Pode acreditar que é verdade. Você é honesto? Saiba que não é o único e que podem existir outras pessoas assim. Ainda bem.

Não sou rico nem pobre, e muito menos ladrão, e por isso posso falar sobre o assunto com total isenção, começando por citar minhas experiências. Em meu primeiro emprego, peguei emprestado uma camisa e um sapato social, coloquei por cima de uma única calça comprida que tinha e fui procurar por uma oportunidade. Fiz a cara mais confiável do mundo, tentei parecer

que estava à vontade, apesar de me derreter por dentro, fiz até alguns comentários engraçadinhos na dinâmica de grupo e acabei conquistando a vaga. Com a carteira assinada, corri na primeira loja, comprei roupas de griffe no crediário, convencido de que seria um bom investimento em “marketing” pessoal, e não estava errado.

Aquilo abriu as portas para novas propostas. As pessoas querem estar perto de vencedores e fogem dos derrotados. Os investidores querem se associar a pessoas de sucesso. Se isso é justo ou não, o problema não é seu, e muito menos meu. É assim que as coisas funcionam.

Um cara sem empolgação não há de ser a melhor escolha para um posto importante. Eles vão querer alguém positivo, motivador, um vencedor. Pode estar até representando um papel, e se estiver, possivelmente, não irá adiante, a não ser que se reinvente e aprenda a jogar o jogo. E o jogo é bruto. Não há lugar para derrotados. Qualquer vacilo, game over.

Você não aceitaria essa pressão? Então continue pobre. É bem mais fácil. Só não reclame depois quando se aproximar das pessoas e elas saírem correndo.

PENSAMENTOS DE GENTE QUE PENSA

"Exige muito de ti e espera pouco dos outros.
Assim, evitarás muitos aborrecimentos".
(Confúcio)

"Há sempre alguma loucura no amor. Mas há sempre
um pouco de razão na loucura".
(Friedrich Nietzsche)

"O homem superior atribui a culpa a si próprio; o
homem comum, aos outros".
(Confúcio)

"Não fales bem de ti aos outros, pois não os
convencerás. Não fales mal, pois te julgarão
muito pior do que és".
(Confúcio)

"E aqueles que foram vistos
dançando foram julgados
insanos por aqueles que
não podiam escutar a
música".
(Friedrich Nietzsche)

"O homem de palavra fácil e
personalidade agradável raras
vezes é homem de bem".
(Confúcio)

"Quanto melhor é uma pessoa,
mais difícil se torna suspeitar
da maldade dos outros".
(Cícero)

"Mil dias não bastam para
aprender o bem; mas para aprender
o mal, uma hora é demais".
(Confúcio)

"O macaco é um animal demasiado simpático para
que o homem descenda dele".
(Friedrich Nietzsche)

"O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato
reflete."
(Aristóteles)

"Uma vida não questionada não merece ser vivida."
(Platão)

"Só sei que nada sei".
(Sócrates)

"O sábio nunca diz tudo o pensa, mas pensa
sempre tudo o que diz".
(Aristóteles)

"Queres ser rico? Pois não te
preocupes em aumentar os teus bens,
mas sim em diminuir a tua cobiça".
(Epicuro)

"O homem prudente não diz
tudo quanto pensa,
mas pensa tudo quanto diz".
(Aristóteles)

"Não quero ser um gênio... Já
tenho problemas suficientes ao
tentar ser um homem".
(Albert Camus)

"O sábio envergonha-se dos
seus defeitos,
mas não se envergonha de
os corrigir".
(Confúcio)

"Para a nossa avareza, o muito é
pouco; para a nossa necessidade,
o pouco é muito".
(Sêneca)

*"Sábio é aquele que conhece os limites
da própria ignorância".*
(Sócrates)

"Transportai um punhado de terra todos os dias
e fareis uma montanha".
(Confúcio)

"Ser ofendido não tem importância nenhuma, a não
ser que nos continuemos a lembrar disso".
(Confúcio)

*"O que faz andar o barco não é a vela enfunada,
mas o vento que não se vê"*
(Platão)

"Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o
amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta
a cada dia o seu próprio mal".
(Jesus Cristo)



CONVERSA DE CRENTE

por Michel Salomão

Um dos mestres da lei perguntou a Jesus (certamente, para testá-lo e desacreditá-lo): "de todos os mandamentos, qual é o mais importante"? E respondeu Jesus: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e com todas as suas forças. O segundo é este: ame o seu próximo como a si mesmo".

Pode até parecer fácil se amar, nesses tempos em que a vaidade toma conta das pessoas, que dedicam grande parte das horas cultuando sua própria imagem no espelho, fazendo "boquinhas" e tirando selfies para publicarem nas redes sociais, mas não é sobre esses sentimentos a que se referia Jesus. Ele falava sobre o amor fraternal, indiscriminado, com carinho, respeito, empatia, sobre querer bem às pessoas, não somente aos familiares e amigos, mas também aos desconhecidos e até mesmo aos inimigos. E também sobre se cuidar e não se mutilar ou se matar.

Jesus pregava a reconciliação e o perdão, para orarmos pelos que nos perseguem, dando a eles a oportunidade de se tornarem cristãos e se salvarem.

Também disse Jesus: "não resistas ao perverso; mas se alguém ofendê-lo com um tapa na face direita, volte-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. Assim, se alguém forçá-lo a andar uma milha, vai com ele duas".

Obviamente, não é nada fácil atender a essas recomendações (não eram imposições, já que Ele defendia o livre arbítrio), pois tal passividade não será bem aceita neste mundo competitivo, e dificilmente conseguiremos aplacar o sentimento bélico que nos transforma em seres reativos a qualquer provocação.

As pessoas geralmente confundem o amor a Deus com o encantamento dos enamorados, que na verdade é volátil, sujeito ao egoísmo e à vingança, sendo que o amor a que Ele se refere mais se identifica com o sentimento que guardamos com relação a nossos entes mais queridos.

Jesus nos ensinou que, para amar a Deus, basta obedecermos os seus mandamentos, mas isso traz uma confusão danada na cabeça das pessoas, que questionam se estariam aqueles 10 incluídos na lista de 613 outros passados aos hebreus por Moisés (sobre esse assunto, tentaremos tratar nos próximos números da Revista Bulunga)?

Atente-se ao raciocínio de Jesus: se amarmos ao próximo da mesma forma como nos amamos, não iremos matar, roubar, cobiçar, adulterar ou descumprir os demais mandamentos, e assim viveremos em um verdadeiro paraíso, que é a proposta de nosso criador. Não é muito lógico?

Contudo, o mesmo mal que afetou a Adão e Eva nos afasta do Criador: a fome do poder, o que levou o primeiro casal à desobediência, ao comerem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

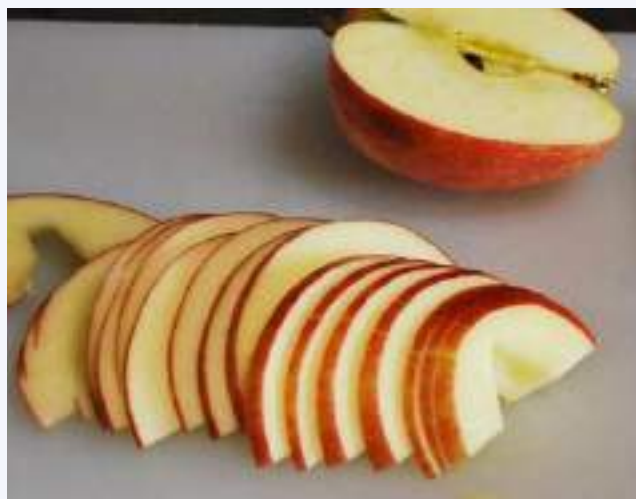
Nem tudo precisamos saber, pois morreremos sem uma resposta acerca de nossa origem ou destino, nem saberemos até mesmo o que existe nos planetas mais próximos, ou no fundo do mar, mas ainda assim muitos recorrem a adivinhações e criam teorias absurdas que se transformam em crenças que acabam por ofuscar os ensinamentos que estão presentes na Bíblia.

RECEITA DO MÊS

TORTA DE MAÇÃ

4 maçãs grandes
1 lata de leite condensado
1 limão
1 porção de farinha de trigo
1 porção de canela em pó
1 porção de açúcar de confeiteiro
1 tablete de 100 gramas de manteiga
4 claras de ovos

ingredientes



Por mais que você seja ruim na cozinha, essa receita não tem como errar. Pegue cinco ou seis maçãs grandes, o suficiente para cobrir duas camadas em uma forma média, e pique-as em tiras finas, como na foto (eu gosto de tirar as cascas). Reserve.

Pegue uma vasilha para bolo, unte-a com manteiga e polvilhe (usando uma peneirinha) uma fina camada de farinha de trigo por cima.

Coloque sobre a farinha pequenas bolinhas de manteiga, distribuindo sobre a superfície.

Distribua uma camada de maçãs.

Pingue algumas gotas de limão sobre as maçãs.

Polvilhe uma pequena quantidade de canela em pó.

Distribua meia lata de leite condensado sobre a superfície.

Repita a operação anterior, colocando a farinha, as bolinhas de manteiga, a canela em pó e o leite condensado.

Pegue quatro claras de ovos, bata até ficar no ponto de "neve", pingando algumas gotas de limão e duas colheres de chá de açúcar refinado.

Distribua o conteúdo sobre a superfície.

Polvilhe um pouco de açúcar de confeiteiro sobre a cobertura.

Leve ao forno até a superfície ficar levemente dourada (em torno de 30 minutos com fogo a 180 graus).

Agora é só colocar para gelar e comer.



CANTADAS

A perpetuação da espécie está em risco, pois as pessoas não sabem mais se aproximar, porque morrem de medo de tomar um processo por assédio. Preocupados com a situação, os editores da Revista Bulunga resolveram listar algumas cantadas para você usar em algumas raras situações.

- Fui ver a previsão do tempo e li que vai rolar um clima entre nós.
- Eu te conheço? Nossa, desculpa... É que você parece muito com a minha próxima namorada.
- Você faz mágica? Porque toda vez que eu olho para você, o resto do mundo desaparece.
- Desativa esse firewall e me deixa invadir o seu coração.
- Pronto, estou aqui! Quais são os seus outros dois desejos?
- Tem alguma coisa errada com o meu celular. Não consigo encontrar o seu número nele...
- Você acredita em amor à primeira vista ou devo passar por aqui mais uma vez?
- Então, além de me deixar sem ar, o que mais você faz?
- Os seus pais são escultores? Não? Então como fizeram essa obra de arte que é você?
- Nossa, estou sentindo uma dor no peito! Espero que seja amor, porque se for infarto, nunca mais te verei!
- Posso tirar uma foto sua? É para mostrar ao Papai Noel o que eu quero de presente.
- Com licença, você teria um amigo em comum que pudesse nos apresentar?
- Você se parece muito com minha próxima namorada...
- Posso falar com seus pais? Preciso saber se aceitam ser meus sogros.

